

## A Folia Proibida: Imposição de Disciplina e Ordem na Festa do Divino

..... Márcia Alves<sup>1</sup>

### R e s u m o

*Este trabalho demonstra as mudanças ocorridas na festa do divino em Florianópolis, pertencentes a um processo disciplinarizador dos hábitos e costumes da população entre 1890-1930.*

Palavras-Chave: Festa do Divino, Disciplina, mudanças, Igreja

### A b s t r a c t

This work show the changes happened in the Divino's party in Florianopolis that belongs to an habits and customs disciplinary process between 1890 - 1930.

Key words: Divino's party, Discipline, Changes, Church.

*" (... ) tornamos a proibir os peditórios acompanhados de bandeiras, como também, sob grau e sob as penas que nos parecem salutareas, aos sacerdotes a celebração de todas as festas e missas que se pretenderem realizar com recursos angariados de modo contrário às disposições diocesanas que regulamentam o assunto em questão".*

*Estatutos do Sinodo Diocesano, 1910*

No final do século XIX e mais intensamente nas primeiras décadas deste século, a cidade de Florianópolis, copiando os modelos de urbanização do Rio de Janeiro e São Paulo, passa por muitas modificações, condicionadas pela vontade das elites locais em instaurar na capital catarinense uma cidade "civilizada". Utilizando-se dos mesmos recursos que haviam sido bem sucedidos em outras capitais brasileiras, Florianópolis procura, através dos discursos de higienização e moralização, consolidar uma nova racionalidade.

Com base em medidas arbitrárias, foram se reformulando questões sociais, relacionando a miséria como um fator agravante para a imoralidade. Assim, num processo de total desconhecimento da cultura e do cotidiano do outro, se tratou de modificar a cidade, condenando a conduta da população mais pobre da capital, tratando de um problema social como sendo uma questão médica.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Márcia Alves, mestranda em história UFSC, sob orientação do prof. Dr. Artur Cesar Isaia.

<sup>2</sup> Para relacionamento entre miséria e imoralidade. Ver. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao Lar*. Utopia da cidade disciplinar. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

Todos os hábitos populares passaram a ser alvos do controle intenso por parte das novas elites, que já tinham reformulado seus ideais e atitudes se voltando mais para a nova "racionalidade capitalista". E para concretizar este modelo de modernidade, a população mais humilde teve que também substituir costumes diários de sua vida. Florianópolis procura, através dos discursos de higienização e moralização, a consolidação de uma nova racionalidade. Araújo, que estudou a construção desse "ideal civilizador" no litoral catarinense, comenta:

*"... os ideais e as práticas de uma nova racionalidade político-cultural manifestados, entre outros elementos, pelas tentativas de reformas sanitárias e pelas formulações científicistas de organização social, se revelaram como instrumentos estratégicos junto aos anseios das elites em remodelar a sociedade local"<sup>3</sup>.*

Neste período, a festa do Divino também registraria grandes transformações, pois, com a instalação da República e a implantação de um Estado laico, a Igreja Católica perdeu sua importância oficial dentro do contexto político brasileiro. O desejo da instituição religiosa era se manter forte neste cenário. Para isso era necessário possuir fiéis imbuídos do perfil proposto pelo Concílio Tridentino, com hábitos de moralidade bem definidos. Segundo esse modelo eclesiológico, os leigos, o clero e irmandades passariam a ser controlados pela hierarquia religiosa. Como observa Wernet, essa relação é reordenada.

*"Mas para que o novo clero tivesse, de fato, autoridade sobre os leigos e o povo em geral, era necessário que também estes passassem por uma reorientação. Para conseguir tal objetivo, havia duas possibilidades: reformar as antigas irmandades, bem como as devoções e os costumes do catolicismo tradicional, ou substituí-las por novas associações religiosas leigas que, seguindo à orientação do clero renovado, cultivariam novas devoções e divulgariam uma nova mentalidade católica (...). Concentrando-se o poder religioso no mundo clerical, os leigos passaram a ocupar uma posição mais subalterna e passiva".<sup>4</sup>*

Nessa reformulação do catolicismo tradicional insistia-se na radical separação entre o sagrado e o profano, o festivo e o religioso. A Festa do Divino começa também a assumir a feição ditada pelo catolicismo romanizado nas primeiras décadas deste século, alterando velhas práticas da antiga festa. Como observa o jornal "A Fé" do ano de 1906:

*Consta-nos que o Sr. Bispo Diocesano expedirá circular aos vigários proibindo o uso das bandeiras nas Folias do Divino Espírito Santo. A ordem, dizem, compreender também o não levantamento dos barracões.*

*A ser exato o que consta, ver-se-á, deste ano em diante, a nossa*

<sup>3</sup> ARAÚJO, Hermes R. **A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República**. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado. p. 5

<sup>4</sup> WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX**. São Paulo: Editora Ática, 1987 p.184-185

*população assistir a essa festa tradicional que sempre foi realizada nesta capital com todo acatamento e grande solenidade.*<sup>5</sup>

Neste contexto, pode-se observar que o padre se torna um personagem de grande importância na festividade, porque ele é o representante da autoridade diocesana, portanto, responsável pela formação espiritual dos fiéis e, juntamente com o festeiro, tem o dever de organizar, recolher os donativos dos leilões, enfim, tudo o que diz respeito à organização da festa. Assim, a romanização foi caracterizada por Wernet:

*"No plano diocesano, ... significava uma centralização do poder religioso na figura do bispo e um reforço da autoridade episcopal sobre o clero regular, secular e associações legais" e "...tem como ponto de referência os decretos de Trento..."*<sup>6</sup>

Dentro dessa mentalidade romanizada, a folia<sup>7</sup> passa a ser marginalizada e proibida pela Igreja Católica, que não permite mais os peditórios com a Bandeira do Divino, também não admitindo que os sacerdotes celebrem festas contrárias às novas disposições diocesanas, como determina D. Joaquim, Bispo de Florianópolis, em cartas aos fiéis, publicada no ano de 1915:

*"Ficam abolidos na Diocese, definitivamente, os peditórios com a bandeira para as festividades religiosas, com que pouco lucrava a fé, se não perdia o verdadeiro e sólido espírito de duração. Determinamos, pois, que sejam substituídos por comissões de festeiros nomeados, eleitos ou sorteados ( Pastoral coletiva n. 903 e 904 ) os quais se incumbirão de requerer a necessária licença eclesiástica, prestando contas ao vigário da paróquia "*<sup>8</sup>.

O clero alegava que os peditórios não objetivavam à fé e as cantorias ridicularizavam a crença e, por isso, deveriam ser proibidas. Deve-se atentar ao fato que a folia tinha entre os seus participantes, na sua maioria, a população mais pobre, que era o alvo principal do controle da moral, já que neles recaía o discurso da promiscuidade e imoralidade, como destaca um jornal do período:

*"...Consta-nos que, lá pela freguesia da Trindade, uma das pessoas distintas daquela localidade cavaqueou com a história da supressão da bandeira e deu o desespero.*

<sup>5</sup> Proibição. A Fé. 30. abr.1906. 3(121)

<sup>6</sup> WERNET, Augustin. op. cit.

<sup>7</sup> Segundo Cabral, folia era um pequeno grupo de músicos, que saíam às ruas cerca de um mês antes da festa, para pedir doações de prendas. Eram acompanhados da bandeira do divino e nas casas onde paravam promoviam uma comemoração que se estendia pela noite. Ver: CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro. Memória*, Florianópolis: Lunardelli, 1979.

<sup>8</sup> Dom Joaquim Domingues de Oliveira, *Resenha Eclesiástica*. Florianópolis, Ano v, p. 88, Setembro. 1915.

Geralmente o povo da roça ignorante, em matéria de religião, julga que a divindade está na bandeira cheia de fitas multicores ou na coroa.

Quando saía a tal folia pelos arredores, a pedir esmolas para a festa do divino, era acompanhada por uma multidão de desocupados dos dois sexos.

Ao anoitecer, pernoitavam na primeira casa e ali dormiam na mais revoltante promiscuidade.

Esses factos foram sempre verificados em muitos municípios do interior e na capital, e davam-se entre aquele povo muitos abusos deprimentes para a fé.

À noite, rezavam uma novena onde um capelão local e analfabeto cantava a ladainha, estropiando barbaramente...<sup>9</sup>.

Observa-se que, quanto mais isolados da Matriz, mais comum era o aparecimento das bandeiras fazendo os peditórios, mas, mesmo nos arredores mais distantes, possuíam sempre um vigilante da ordem (leigos já romanizados, padres, religiosos já imbuídos do ideal reformador)<sup>10</sup>. São inúmeras as denúncias contra a folia, como, por exemplo, acontecida na freguesia da Trindade. Por outro lado, os clérigos romanizados obedientes às orientações da Cúria Diocesana deixavam mais transparente o seu desejo de oprimir tudo o que vinha dos populares, substituindo pelas novas orientações eclesiásticas.

Contudo, neste estudo acreditamos que as barreiras entre os campos de uma "cultura popular" e de uma elite clerical sejam muito tênues. Assim, existiria um trânsito de idéias entre uma e outra, o que Bakhtin designou como "circularidade cultural", onde a norma oficial religiosa convive lado a lado com as interpretações "profanas", com as reinvenções, com o vivido. Bakhtin, analisando a festa medieval, ressalta:

*"...o lado cômico e popular da festa tendia a representar este futuro melhor: abundância material, igualdade, liberdade, da mesma forma que as saturnais romanas encarnavam o retorno à idade de ouro. Graças a isso, a festa medieval era um jano de duas faces: se a face oficial, religiosa, estava orientada para o passado e servia para sancionar e consagrar o regime existente, a face risonha popular olhava para o futuro e ria-se nos funerais do passado e do presente. Ela opunha-se à imobilidade conservadora, à sua 'atemporalidade', à imutabilidade do regime e das concepções estabelecidas, punha ênfase na alternância e na renovação, inclusive no plano social e histórico".<sup>11</sup>*

<sup>9</sup> A Época. Florianópolis, 03 de jun. 1916, p.2

<sup>10</sup> Entre estes leigos vigilantes da ordem, supostamente romanizados, insere-se aqueles que não ousavam a discordar das orientações diocesanas, compreendendo-as ou não, denunciavam aqueles que desobedeciam, utilizando os jornais como veículo de denúncia. Por exemplo, a matéria do jornal a Época de 03 de jun. 1916, citado acima.

<sup>11</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987 p.70



Tanto na Europa do século XVI, como em Florianópolis do século XX, acontecia, no âmbito do vivido, a circularidade proposta por Bakhtin. Um exemplo disso estava na coexistência entre a leitura sacramental, tridentina da festa, proposta pela Igreja, com a vivência eivada de caráter lúdico e mágico do grande público.

Em relação às transformações apresentadas na festa, podemos acompanhar pela imprensa do período. Assim, por ordem do Governo Diocesano, a programação da festa do Divino passa a ser bem mais disciplinarizadora, como se pode observar no documento do jornal "A Época" de 1919:

*"Procedida de um triunfo, realiza-se amanhã, na capela do asilo de órfãos de São Vicente de Paula, a festa do Espírito Santo, a qual constará de missa solene às 9:30 horas com benção do Santíssimo Sacramento. À tarde haverá ladainha e benção. Segunda e terças 8 e meia horas ladainha com benção à tarde. Durante os três dias haverá distribuição de pães"*<sup>12</sup>

Comparamos, agora, as notas sobre a programação da festa publicada pela Irmandade do Espírito Santo, no jornal "A Semana" no ano de 1901, quando a romanização se encontrava no princípio da implantação na capital florianopolitana:

*"A mesa administrativa da Irmandade do Divino Espírito Santo faz público que, nos dias 18 e 19 do corrente, terá lugar na matriz a tradicional festa de seu Orago, para a qual convida todos os devotos.*

*Outrossim faz saber que nas noites dos mesmos dias haverá o costumado leilão de prendas, para o qual espera que as devotas e devotos concorram com suas ofertas de lindas prendas..."*<sup>13</sup>

Através da análise destas duas programações é possível verificar as modificações da festa durante o processo de romanização da Igreja em Florianópolis. Mesmo que o leilão também continue a fazer parte da Festa do Divino romanizada, a sua forma tradicional foi modificada. Assim, como a folia que, antecedendo à festa, mostrava toda a face mais festiva da comunidade. Cantavam, bebiam, comiam em excesso, como mandava a tradição.

A festa romanizada proibia a folia e tentava impor um clima mais sacramental à celebração do Divino, concretizando uma *aparente vitória* do catolicismo romanizado sobre a cultura popular e suas crenças, num processo longo e descontínuo.

O clero tentava impor um imaginário religioso não totalmente compreensível ao grande público. Este dava ênfase ao sacramental, à transcendentalização da salvação, à oposição entre natureza e graça. Como toda a imposição vertical de um imaginário não baseado no vivido, no que Carvalho, remetendo-se a Baczkó, chama de "comunidade de sentido", essa também não tem condições de triunfar totalmente. Isso porque, segundo Carvalho:

<sup>12</sup> A ÉPOCA, Florianópolis, 7 de jun. 1919

<sup>13</sup> A Semana, Florianópolis, mai. 1901

“...o imaginário, apesar de manipulável, necessita, para criar raízes, de uma comunidade de imaginação, de uma comunidade de sentido. Símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentarem. Na ausência de tal base, a tentativa de criá-los, de manipulá-los, de utilizá-los como elementos de legitimação, cai no vazio, quando não no ridículo”.<sup>14</sup>

Um exemplo da imposição vertical dos cânones tridentinos à festa e seus símbolos pode-se ler no Jornal “A Época”, de 1921:

“Realizando-se amanhã a festa do Espírito Santo, tradicional solenidade com que Florianópolis cada ano homenageia a terceira pessoa da santíssima trindade, especialmente consagrado, segundo a fé, a santificação de nossas almas, entendemos prestar interessante serviço aos devotos fazendo conhecidas as relações íntimas que existem entre o Espírito Santo e alma Cristã.

É sublime a definição que o santo bispo... dá do cristão: Um ente composto de corpo e alma e do espírito santo. Assim como a alma constitui uma parte essencial do homem, assim o elemento sobrenatural, a graça, esta comunicação feita pelo espírito santo, é um constituinte imprescindível do Cristão.

... A familiaridade com o espírito santo é, por isso mesmo, um dos caracteres mais salientes destas almas felizes que se sentem afins à santidade absoluta, e tão Cristãs se tornaram, isto é, tão conformes a Jesus Cristo, que ousam a repetir a célebre palavra do apóstolo: Vivo eu, já não eu, mas Jesus Cristo vive em min.

Apesar de ter o Espírito Santo descido sobre os Apóstolos, no dia de Pentecostes em forma de línguas de fogo, como dizem os actos dos apóstolos... a maneira mais sensível pela qual ele se revelou foi na forma de pomba....E sendo Jesus batizado, saiu logo da água e eis que se abriram os céus e veio o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele:

Assim se explica a razão de a Igreja ter consagrado a imagem do Divino sob a forma de uma pomba...<sup>15</sup>.

As orientações fornecidas pela Igreja romanizada na forma da população visualizar os símbolos do Divino, eram claras, como destaca Serpa:

“A estratégia era substituir símbolos ligados ao catolicismo popular e, com o novo símbolo, sob a direção do padre, imprimir os princípios doutrinários do catolicismo ultramontano no qual deveriam prevalecer os sacramentos, a pregação e sempre

<sup>14</sup> CARVALHO, José M. de . A formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.89.

<sup>15</sup> A Época, Florianópolis, 12 de mar. 1921, p. 2

*estabelecer relação com a autoridade máxima da Igreja - o papa, o bispo e o padre..."<sup>16</sup>.*

Na festa do Divino, as mudanças com relação aos símbolos irão seguir para uma nova forma de interpretá-los, onde a pomba, a coroa e a bandeira cheia de fitas coloridas passam a representar elementos religiosos romanizados, não tendo mais o sentido milagroso que tinha para os participantes da Folia, como se pode observar no Jornal a Época de 1916:

*"Em certa localidade, uma senhora queixava-se da forte dor de cabeça. Uma velha curandeira afirmou que era sol que a tal senhora tinha na cabeça, aconselhando-a que assistisse a novena com a coroa do Divino, na cabeça, que ficaria curada. À noite, a doente, de joelhos com a coroa no alto da sinagoga, assistia à novena. Parecia uma rainha!"<sup>17</sup>*

Nota-se que, com o passar dos anos, o discurso disciplinador da romanização modifica-se. Se inicialmente a ênfase é dada apenas à condenação da Folia e aos aspectos externos da festa, posteriormente o discurso passa a procurar significados próximos dos padrões na mesma bandeira, coroa e pomba do Divino. A Igreja, baseada em um discurso autoritário<sup>18</sup>, desconsiderava qualquer outra forma de celebração e ritual da festa, que não correspondesse a suas novas determinações, por isso reiterava um apelo constante aos homens de bem para se inclinarem para o verdadeiro significado do Divino. O discurso religioso muda, e nele são incluídas palavras bíblicas com um forte teor sacramental. Pode-se também observar que estas palavras se distanciam muito da realidade vivenciada pelo povo.

Este momento da Festa do Divino é aprofundado pelo que Chartier denomina de "lutas de representação" entre a Instituição e a comunidade que participava da festa. Essas lutas, conforme o autor, não envolvem somente oposição, mas partilha. Trata-se de uma via de mão dupla, onde a comunidade é "aculturadora", assim como também "aculturada", "...nem totalmente controlada, nem absolutamente livre".

*"... Assim, uma suposta espontaneidade 'popular' não pode simplesmente apor-se às coerções impostas pelas autoridades; o que se deve reconhecer é de que modo as liberdades, que são sempre reprimidas (por convenções, códigos e coerções), e as disciplinas, que são sempre perturbadas, articulam-se entre si.*

<sup>16</sup> SERPA, Élio C. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.p. 46

<sup>17</sup> A Época, Florianópolis, 29 de abr. 1916, p. 2

<sup>18</sup> ORLANDI, Eni. O discurso religioso. In: **A Linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**: 4 ed. Campinas: Pontes, 1996. Segundo Orlandi, por discurso autoritário entende-se aquele que dificulta a reversibilidade, ou seja, este discurso busca anular a possibilidade de troca de papéis entre o locutor e o ouvinte. Caracteriza-se também pela monosssemia, uma vez que tenta estancar a polissemia, que é condição para os outros discursos.

*Disciplina e invenção devem ser levadas em conta, mas também diferenciação e divulgação. Esse segundo par de conceitos interdependentes permite-nos postular uma compreensão da circulação de objetos e modos culturais que não é redutível a um simples processo de difusão, em geral visto como descendente na escala social".<sup>19</sup>*

O estudo de Chartier sugere que as palavras dependem, para sua eficácia, da interpretação e da maneira como serão feitas as "apropriações" delas pela comunidade. Ainda ressalta que geralmente são ineficazes frente às intenções pelas quais foram criadas.

*"...a ênfase sobre as apropriações culturais também nos permite ver que os textos ou as palavras destinadas a configurar pensamentos e ações nunca são inteiramente eficazes e radicalmente aculturadores. As práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas".<sup>20</sup>*

Por último, verifica-se que a importância deste trabalho vai além da análise da mudança na forma de se comemorar a festa do Divino, na Primeira República, em Florianópolis. Ela se estende ao campo da compreensão do comportamento da elite clerical e povo, dentro da festa. Portanto, este estudo entende que as normas ditadas pela Igreja, para disciplinar a festa, fazem parte de um discurso, nem totalmente reproduzido no vivido, nem totalmente ausente na cotidianidade.

---

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 236-7

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. op.cit. p. 233-4